A relação entre políticas públicas educacionais e adoecimento psíquico docente

Leandro Ferreira de Melo

E-mail: melo.leo75@gmail.com

Julia Ferreira Bernardo

E-mail: juliaf.bernardo@hotmail.com

Como citar:

MELO, Leandro Ferreira de; BERNARDO, Julia Ferreira. A relação entre políticas públicas educacionais e adoecimento psíquico docente. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE ADOLESCÊNCIA: VULNERABILIDADE, PROTAGONISMOS E DESAFIOS, 2, 2016, São Paulo. *Anais...*[S. l.]: 2016. p. 38-39.
DOI: <http://dx.doi.org/10.22388/2525-5894.2016.016>

Introdução: a escola pública, sua rotina e seus sujeitos tem sido alvos de inúmeras investigações no intuito de se compreender as relações imersas no cotidiano escolar. Um dos temas bastantes discutidos atualmente é a rotina escolar e suas implicações para a saúde docente, neste panorama está o fenômeno conhecido como Síndrome de *Burnout*, que é definido como um esgotamento físico e mental que afeta a realização pessoal. Apresenta três características principais: “exaustão emocional”, “perda da realização pessoal” e a “despersonalização”. Os pesquisadores que se empenham em estudar essa temática, em específico a rotina das instituições de ensino, apontam que existem uma série de fatores que podem desencadear o “mal-estar” na saúde docente. Tais pesquisas demonstram, ainda, que um dos principais fatores citados pelos professores, em relação a condições que afetam sua saúde, é a sobrecarga de trabalho e a multiplicidade de tarefas (inclusive aquelas que não fazem parte de suas atribuições) como contribuições diretas para seu o adoecimento psíquico. A questão que surge é, além destes fatores, quais outros podem afetar a saúde docente?

Objetivo: o objetivo deste estudo foi compreender a visão dos próprios professores sobre os principais fatores ligados a rotina escolar, em graus de intensidade, que estão afetando sua saúde psíquica.

Método: fizeram parte deste estudo 30 professores do Ensino Fundamental II (6º, 7º, 8º e 9º anos) e Ensino Médio (1ª, 2ª e 3ª séries) de uma escola pública de São Paulo. A escolha do presente público se deu por conta de que essas séries apresentam problemas comuns, que não são tão frequentes em outras, de acordo com a literatura. Para alcançar os objetivos propostos, foi estruturado um questionário sobre as principais questões que têm afetado a saúde docente, a partir de elementos extraídos de pesquisas que abordam essa problemática. O questionário foi composto de uma lista de 30 fatores, acompanhados por quatro descritores de intensidades: Nula, Baixa, Alta, Altíssima. Para análise dos resultados, os dados foram tabulados em planilhas do excel, calculado a frequência e porcentagem das respostas em relação a intensidade dos fatores propostos.

Resultados e Discussão: as análises dos dados demonstraram que os fatores mais destacados pelos professores, que geram impactos na rotina escolar e em sua saúde, estão relacionados às políticas públicas educacionais de valorização da carreira docente, como por exemplo: “descaso do sistema”; “falta de perspectivas”; “longa jornada de trabalho”; “desvalorização profissional”; “baixos salários” e a “falta de políticas de valorização da carreira docente”. Dentre estas, a que foi mais explicitada pelos participantes diz respeito aos “baixos salários”. Quase a totalidade dos professores apontaram-na como um aspecto que afeta diretamente a rotina escolar e consequentemente a saúde docente. Diante disso, emerge uma importante pergunta: como os baixos salários podem afetar a rotina escolar e a saúde do professor? A resposta a qual chegamos, a partir do referencial teórico utilizado e discutindo *in loco* com os docentes, foi que, não é a rotina escolar em *per si* que afeta a saúde docente, mas algumas variáveis externas que afetam a própria rotina escolar. Deste modo, os aspectos relacionados às políticas públicas para a carreira docente, principais achados da pesquisa, podem estar exercendo fortes e determinantes influências na carreira/saúde/rotina escolar-docente. À medida que se veem desvalorizados pelas políticas que diretamente conduzem, estruturam e direcionam suas carreiras, é intensificada a falta de perspectivas, fortalecendo assim suas frustrações. Tais fatores afetam o estado psicoemocional docente, principalmente sua autoestima e autoeficácia, o docente passa a acreditar que não faz um bom trabalho. Com efeito, o que se observou foi que essas frustrações/desilusões são transferidas para a rotina escolar, que por sua vez, sobrecarregada de tais sentimentos, transferem ao professor os aspectos negativos do trabalho, levando-os a sofrerem os efeitos em suas saúdes psíquicas. Nestas evidências há uma clara manifestação da Síndrome de *Burnout*, com aspectos relacionados à “exaustão emocional”, “perda da realização pessoal” e a “despersonalização”, refletido nas respostas dos professores. Desta forma, conclui-se que, é evidente que o forte sentimento de frustração em relação a falta de valorização do sistema à carreira docente, contribui para o adoecimento psíquico dos professores. Faz-se necessário que os gestores das políticas públicas educacionais entendam que a valorização docente é primordial, tanto para a saúde do professor e da rotina escolar, bem como para a eficácia docente no alcance dos objetivos da escola, isto é, a formação integral dos alunos enquanto cidadão críticos.

Palavras-chave: Professores. Políticas educacionais. Rotina escolar. Adoecimento psíquico. Síndrome *Burnout*.